

## SOCIABILIDADES JUVENIS EM ESPAÇOS PÚBLICOS DE CAJAZEIRAS/PB

Alexandre Martins Joca<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e-mail: alexmartinsjoca@yahoo.com.br

### RESUMO

O objetivo deste artigo é investigar as sociabilidades juvenis entre pares vividas nos espaços públicos de Cajazeiras/PB. Para isso, analisamos como as/os jovens compreendem os seus processos formativos vivenciados nos espaços públicos da cidade e identificamos as formas e os espaços públicos de ocupação dos jovens em Cajazeiras/PB. A pesquisa seguiu a perspectiva da investigação qualitativa, tomando como fundamentais a etnometodologia e a etnografia, por constituírem elementos que ajudam a compreensão e/ou interpretação e análise dos extratos da realidade social. Assim, adotamos a etnografia como metodologia, A antropologia urbana e os estudos sobre sociabilidade, experiência e cotidiano compõem seu arcabouço teórico-metodológico e os métodos empreendidos foram a observação participante e entrevistas individuais. Os espaços públicos são de extrema importância para a participação social e cultura da juventude, como um espaço de lazer e vivência juvenil e identificamos três fatores presentes na sociabilidade juvenil nos espaços públicos da cidade: as escassas possibilidades de lazer, a atuação policial e a relação com o trabalho. A dinâmica de ocupação dos espaços pelas/os jovens é mobilizada pelo jogo dos fazeres coletivos juvenis na tensão com os padrões sociais.

**Palavras-Chave:** Juventudes. Cidade. Sociabilidade. Espaços Públicos. Cajazeiras/PB

### INTRODUÇÃO

Este artigo se volta à produção de conhecimento científico que tem como eixo de atuação o(a)s jovens em suas complexidades histórica, cultural, econômica e social, tomando como ponto de partida suas percepções, saberes e processos formativos. Para isso, realizamos uma pesquisa voltada às dinâmicas socioculturais de sociabilidades entre pares no sentido de compreender como mobilizam e (res)significam os espaços públicos na cidade de Cajazeiras/PB.

A priori, a pesquisa concentra esforços em duas áreas de conhecimento acadêmico - educação e cultura - no intuito de produzir conhecimento sobre as culturas juvenis em seus processos formativos e educativos. Para isso, adota uma perspectiva etnográfica, a partir dos estudos da antropologia da cidade, portanto, constituindo-se de natureza qualitativa.

Os sujeitos da pesquisa são jovens moradores da cidade de Cajazeiras/PB que ocupam de maneira sistemática espaços públicos da cidade no empreendimento de ações coletivas juvenis de lazer, de cultura, de esporte etc. Dessa maneira, a pesquisa foi realizada em espaços públicos de sociabilidades juvenis na cidade de Cajazeiras, em especial, na praça do Lebron.

Esta pesquisa é também uma tentativa de desvendar junto ao(à)s jovens a apreensão da realidade vivida por esses sujeitos no âmbito de seus processos formativos, considerando a cultura, o lazer, a educação, a participação social e as relações sociais. E ainda, investigar como esses jovens analisam tal realidade. Como elaboram e (res)significam trajetórias educativas e culturais em seus processos formativos, na participação da vida social e nas realizações pessoais e coletivas nos diversos âmbitos da sociedade, em especial, nos espaços públicos da cidade.

O objetivo é investigar as sociabilidades juvenis entre pares vividas nos espaços públicos de Cajazeiras/PB, considerando seus modos de vida e processos formativos e educativos. Para isso, analisamos como as/os jovens compreendem os seus processos formativos, em especial aqueles não institucionais vivenciados nos espaços públicos da cidade de Cajazeiras; identificamos as formas e os espaços públicos de ocupação dos jovens em Cajazeiras/PB, considerando a cultura, o lazer, a educação e as relações sociais e analisamos a resistência juvenil vinculada às suas atividades criativas e a seus processos formativos.

## **2 JUVENTUDE, CIDADE E EDUCAÇÃO**

Nas últimas décadas, os centros urbanos do país vêm passando por significativas transformações sociais, territoriais e urbanísticas em virtude, dentre outros, do crescente número de habitantes e das desigualdades sociais. Esse cenário apresenta ao(à)s estudioso(a)s e pesquisadore(a)s do “viver em sociedades urbanas” o desafio de apreender e compreender os fatores e aspectos socioculturais que caracterizam a vida na cidade deste início de século XXI. Nesse contexto, parto da premissa de que os estudos em torno dos jovens citadinos vêm abordando as consequências advindas da lógica de uma sociedade baseada no consumo, na qual o individualismo, a mobilidade e a fluidez (BAUMAN, 2001) caracterizam a contemporaneidade, ressaltando influências significativas sobre as sociabilidades juvenis, sob os aspectos das territorialidades, dos ordenamentos urbanísticos e dos modos do(a)s jovens viverem e relacionar-se com (e na) Cidade.

O debate acerca da formação juvenil nos diversos espaços-tempos citadinos sob o olhar das mobilidades urbanas, ou seja, dos novos mecanismos de fluxos, trânsitos e trajetos dos jovens citadinos, torna-se pertinente ao nos depararmos com a perspectiva que põe em xeque a relevância do lugar na era da globalização e do mundo tecnológico, das relações virtuais. Contrário a esse ponto de vista “premature” que anuncia a morte dos lugares, Carmo (2009, p. 43) nos lembra que “a compressão do espaço-tempo materializada entre outros factores, na intensificação da circulação e da mobilidade e na suposta instabilidade das relações sociais, não significou o desaparecimento dos lugares enquanto espaço de proximidade social”.

Assim, o estudo da (e sobre a) a condição sociocultural e os processos formativos do(a) jovem citadino nos condiciona a olhar a cidade sobre outras lógicas, ou seja, não se limitando, aqui, a um olhar sobre suas avenidas, praças, bairros e prédios. Em um movimento pendular, o olhar das/os pesquisadoras/es pode narrar enredos, apresentar personagens, registrar cenários e acontecimentos da vida juvenil na Cidade. Acredita-se que, organizadas em uma sequência não linear, mas marcada pela mistura de tempos e fatos distintos, é possível visualizar seus modos de vida, suas táticas de ocupação dos espaços públicos, os contextos socioculturais e o processo juvenil do “viver a cidade” (AGIER, 2011) e dela fazer-se cidadão(ã).

Parto da compreensão de Cidade como um “organismo social” e da necessidade de pensarmos a produção da mobilidade urbana na qual as redes, os trajetos e circuitos são constituídos, simultaneamente, por fluxos e lugares, redesenhando as espacialidades urbanas juvenis em torno dos múltiplos contextos sociais de seus citadinos.

O olhar sobre a sociabilidade juvenil em espaços públicos, tomando como dimensão de análise as experiências de coletivas e/ou individuais do(a)s jovens, nos remete a seus fluxos pela Cidade e à produção social do espaço, de modo que se faz pertinente um resgate dos contextos que têm as transformações estruturais e socioculturais como fatores de transformações socioespacial. O conceito de culturas juvenis de Machado Pais (2003a) nos ajuda nesse sentido, ao tomar como referência os estudos sobre “culturas juvenis”, ou seja, as formas juvenis de expressão coletiva empreendidas, principalmente, nos espaços de interações, no lazer, no “tempo livre” (PAIS, 2003b).



O conceito analítico de “modos de vida” foi utilizado como um “fio condutor para a análise das práticas sociais juvenis. A construção simultânea e articulada de relações sociais, das representações e do campo simbólico” (LOBO, 1992, p. 14), nos ajuda a compreender as relações entre as experiências cotidianas dos jovens nos espaços públicos da Cidade (micro) e as estruturas sociais hegemônicas (macro) determinantes das relações de gênero, sexualidades, étnico-raciais, entre outras. Além da dimensão da vida cotidiana, “difícilmente a análise dos ‘modos de vida’ pode ignorar a hierarquia das redes de poder que estabelecem relações entre as diferentes “esferas” do social” (GUERRA, 1993, p. 64).<sup>1</sup>

A sociabilidade é entendida por Simmel (1983) como “uma forma lúdica de sociação”. Segundo ele, é por meio da sociação que o indivíduo encontra uma diversidade de modos de interagir visando atender a “interesses e finalidades específicas”. No entanto, a sociabilidade seria uma forma de sociação que tem na própria dimensão relacional sua motivação. Uma forma de conviver desvinculada dos conteúdos.

Aqui, a “sociedade” propriamente dita é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos e dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberados de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmo e pelo fascínio que difundem pela própria libertação desses laços. É isto o fenômeno a que chamamos sociabilidade. (SIMMEL, 1983, p. 168).

Nesta pesquisa, a dimensão da “convivialidade”, para além de uma conotação espacial (geográfica ou material), consiste no reconhecimento juvenil (consciente ou não) de um processo de afirmação de diferenças, semelhanças, portanto, processo de identidades que se passa nas interações movidas por uma diversidade de identificações, produzindo “o sujeito pós-moderno [...] fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 1999, p. 12).

Numa interlocução com os estudos propriamente situados no campo da educação, nos apropriamos do conceito de cidade educadora, trazido por Carrano (2003) que nos remete à percepção de que

<sup>1</sup> Guerra (1993) destaca que a proposta das análises dos modos de vida tem a pretensão de conciliar três níveis analíticos: o sistema e os atores, a História e o cotidiano, o objetivo e o subjetivo na percepção do real. Cf: “*Modos de Vida: Novos percursos e novos conceitos*”.

as práticas educativas em uma cidade ocorrem no terreno concreto da pluralidade do real, composta pelas intencionalidades estruturantes de planejadores, mas também pelo jogo realizado por sujeitos sociais que, em suas práticas microscópicas, singulares e plurais, se articulam como educadores coletivos em redes sociais e escapam, em muitas ocasiões, aos controles da ordem (2003, p. 24).

A perspectiva educadora da vida cidadina ancora-se, também, no entendimento relacional experiência/educação, ou seja, o entendimento de educação para além da formalidade pedagógica das instituições educacionais em nossa sociedade, também nos ajuda a entender os conflitos e tensões contemporâneas da vida urbana. Desvenda, ainda, os processos educativos empreendidos pelos sujeitos a partir de suas experiências e experimentações que se fazem também no âmbito das instituições formadoras, mas se estendem, sobretudo, à vida na rua, nas praças, na Cidade, à vida cotidiana.

Sobre a abordagem da relação experiência/educação na formação juvenil, Klein (2011, p. 90) nos lembra de que “desta relação intrínseca decorre a educação ao longo da vida e em diversos contextos que incluem e extrapolam o âmbito escolar, uma vez que a educação se relaciona com experiências humanas”. Ela recorre a Dewey, que utiliza a ideia de experiência para definir a educação como um processo de reconstrução e organização da experiência. Uma filosofia da experiência na qual a “relação íntima e necessária entre os processos de nossa experiência real e a educação” (DEWEY, 1971, p. 08) seja pressuposto fundamental, ou seja, uma “conexão orgânica entre educação e experiência pessoal, estando, portanto, a nova filosofia da educação comprometida com uma espécie de filosofia empírica e experimental” (p. 13). Assim,

A educação não é simplesmente a soma de diferentes experiências é, sobretudo, a combinação de diferentes experiências que interagem entre si e são significadas pelos sujeitos. Esse conceito amplo de experiência é indissociável da vida cotidiana e nos possibilita compreender a educação para além dos limites escolares. (KLEIN, 2011, p. 92).

Partindo dessa relação experiência/educação, entende-se que os percursos de sociabilidades na (e da) Cidade estão relacionados a diversos espaços sociais de formação juvenil, ou seja, às experiências vividas nas relações sociais.



### 3 INVESTIGANDO A SOCIABILIDADE JUVENIL NA CIDADE

O encaminhamento metodológico desta pesquisa seguiu a perspectiva da investigação qualitativa, tomando como fundamentais a etnometodologia e a etnografia, por constituírem elementos que ajudam a compreensão e/ou interpretação e análise dos extratos da realidade social, uma vez que a partir do exposto, acredito que “os processos metodológicos empreendidos dão ênfase à etnografia e às especificidades dos espaços, dos sujeitos investigados e das circunstâncias da pesquisa” (JOCA, 2015, pg. 34).

Os estudos, que se fazem pelos preceitos da pesquisa qualitativa, tomam especialmente a etnografia como metodologia adotada, de modo que o enfoque etnográfico procura adequar-se ao objeto de estudo. Assim, aqui, a antropologia urbana e os estudos sobre sociabilidade, experiência e cotidiano compõem seu arcabouço teórico-metodológico. O percurso etnográfico toma como foco os tempos e espaços da Cidade, a partir de uma “descrição densa” Geertz (1989, p. 15) do “viver a Cidade” (AGIER, 2011).

Os métodos empreendidos – a observação participante e entrevistas individuais – são aqueles que vão ao encontro dos preceitos da pesquisa qualitativa, ou seja, aqueles que possibilitam o trabalho “com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (MINAYO, 1997, p. 21-22).

Por se tratar de um estudo que envolva seres humanos, esta pesquisa iniciou somente após a provação do Comitê de Ética. Os sujeitos envolvidos diretamente na pesquisa foram 07 jovens moradores da cidade de Cajazeiras, de ambos os sexos e de idade entre 18 e 29 anos, independente de pertencerem ou não ao mesmo ciclo de amizade. O critério principal da escolha das/os colaboradoras/es foi a forma de ocupação, de maneira sistemática, dos espaços públicos da cidade, no empreendimento de ações coletivas juvenis de lazer e/ou cultura e/ou esporte. Ações entendidas aqui como formativas e educativas. Dessa maneira, o *lôcus* da pesquisa foram espaços públicos – praças, avenidas etc. – de sociabilidades juvenis na cidade de Cajazeiras.



Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos o diário de campo durante a observação e, para o registro das entrevistas e do grupo de discussão, foi utilizado o gravador, no intuito do registro das falas. Os áudios foram utilizados exclusivamente para a transcrição dos registros, estando o seu acesso restrito aos pesquisadores. Lembro ainda que todas as informações obtidas durante o estudo foram utilizadas exclusivamente para os fins desta pesquisa.

Dessa maneira, o estudo, que se ancora na proposta etnográfica de Magnani (2002), vai ao encontro da perspectiva dos estudos de Agier (2011) sobre a antropologia da cidade relacional, voltada ao “fazer a cidade”<sup>2</sup>. Agier (2011), ao sugerir uma antropologia relacional e situacional, ressalta que observar situações seria o “pano de fundo” do fazer antropológico.

#### **4 SOCIABILIDADES JUVENIS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE CAJAZEIRAS/PB**

Este texto trata das sociabilidades juvenis no nordeste brasileiro, mais especificamente, na cidade de Cajazeiras, cidade situada no Alto Sertão da Paraíba. Região cercada por estereótipos relacionados ao clima, à cultura, aos aspectos econômicos e sociais. Região historicamente caracterizada e/ou estigmatizada pela pobreza, pela aridez do clima tão retratados em verso e prosa na literatura brasileira. Aqui, a imagem do sertanejo nordestino sofrido e refém da escasseies de água perdura e se mistura à realidade social do mundo globalizado e conectado do Século XX. Busca-se aqui compreender como jovens cajazeirenses se sociabilizam nos espaços públicos da cidade.

As/Os jovens entrevistadas/os desta pesquisa são de idades entre 18 e 26 anos, naturais de Cajazeiras-PB com formação de ensino fundamental ao superior incompleto. O que há em comum entre elas/es é a presença em espaços de sociabilidades juvenis na cidade, especialmente na praça do Leblon. Entre as/os entrevistadas/os, encontramos jovens atuantes em grupos políticos, de arte (dança) que movimentam a cidade, de classe social menos favorecida e moradoras/es de bairros periféricos.

---

<sup>2</sup> Suas pesquisas voltam-se ao questionamento de “como as pessoas fazem a cidade”. Assim, prioriza estudos em “zonas marginais [...] onde as pessoas são obrigadas a inventar por si própria a sua existência [...] São as pessoas que fazem a cidade, os grupos sociais que fazem a cidade, e não a cidade que faz a sociedade. É este “fazer cidade” que se observa nas relações sociais, em diferentes formas de sociabilidade, que é preciso decifrar melhor” (AGIER, 2011, p. 55).

A cidade é percebida pelas/os jovens a partir dos modos de vida e das relações interpessoais. “Sertão, cidade pequena, as pessoas não têm muito o que fazer, então a tendência é que elas falem umas das outras e gerarem assuntos” (Rafaela, 23 anos)<sup>3</sup>. Por se tratar de uma cidade de apenas 63.239 habitantes (IBGE), é comum a carência de anonimato, estando seus cidadãos sob a vigilância de pessoas com as quais não se têm relações diretas de parentesco ou afetivas. Essa vivência da vida urbana em pequenas cidades aciona nas/os jovens um estado de vigilância e julgamento uma vez que as culturas juvenis divergem ou contrapõem-se a valores e costumes conservadores, ou “caretas”, como prefere denominar a jovem Tatiane (26 anos)<sup>4</sup>. São obstáculos que impedem “as pessoas serem o que realmente são” (Rafaela, 23 anos).

Para Rafaela (23 anos), falta as pessoas abrirem mais a mente. Se dá mais oportunidade de conhecer as outras, sair daquele limbo”. Esse cenário propicia o estigma dos sujeitos, em especial das/os jovens, tornando suas sociabilidades vigiadas, a partir do julgamento de seus modos de vida: das relações afetivas; de como se vestem; com quem e onde e se divertem; dos lugares que frequentam etc.

A gente sabe que o público jovem procura um entretenimento mais divertido, mais descontraído, mais eclético. Até tinha (em Cajazeiras), mas sempre que esse lugar chega as pessoas colocam tanto *mau-olhado*, tanta *língua grande* que acaba o lugar não rendendo. O lugar não flui porque a própria população da cidade é totalmente *careta*. (...) Muita gente diz, “*Ah mas porque é uma cidade pequena!*”. Eu não acho que por ser uma cidade pequena as pessoas precisam ter a mente tão fechada. Pra eles, uma boate é um lugar que pra eles não merecem respeito. Elas julgam! (Tatiane, 26 anos)

Dessa maneira, o julgamento social exerce influência na constituição de espaços coletivos de lazer da cidade, a exemplo da “boate”, que não agregaria valores positivos às/aos jovens frequentadoras/es. Não é apenas na existência de espaços de lazer (ou o lugar) juvenis que o julgamento social afeta as vidas das/os jovens.

<sup>3</sup> A jovem Rafaela tem 23 anos. É Dj e moradora do bairro Por do Sol, aonde reside com a mãe e a avó. Estudou até o ensino médio e sonha em ingressar no Ensino Superior no curso de geografia. Se apresenta como militante, feminista e ativista. Se autodeclara bissexual e costuma frequentar as praças da cidade com grupos juvenis que se caracterizam pela diversidade sexual.

<sup>4</sup> A jovem Tatiane tem 26 anos. É bailarina, solteira e tem uma filha de 6 anos. Mora com um amigo há um ano e 9 meses e é muito ciançona.

Têm lugares que eu olho e penso “ai eu não posso fazer tal coisa aqui porque vai influenciar no meu trabalho”, ou “pessoas que eu me envolvo no meu trabalho vai tá aqui e vai me ver assim, então não vai ficar legal”, assim como têm outros lugares que eu olho e penso que as pessoas vão pensar, “ai meu Deus, ela é mãe e tá fazendo isso”, ou então “ela é bailarina e tá fazendo isso”. (Tatiane, 26 anos)

O ingresso no mundo do trabalho também parece atravessado por esse tribunal, pois “ninguém vai dar um trabalho a uma pessoa que é quem é ela, enfim, ninguém vai dar um trabalho a uma pessoa que fuma um beck ali no Leblon” (Rafaela, 23 anos). Assim, a sociabilidade juvenil dialoga com valores e princípios socioculturais hegemônicos que envolvem as subjetividades dos sujeitos e interferem no acesso ao mundo do trabalho. Apesar desses conflitos, as praças da cidade aparecem como o lugar das sociabilidades juvenis. Dentre elas, destacam-se: o Leblon; a praça do Fórum/NEC<sup>5</sup>; a praça da Prefeitura. São nas praças que os grupos juvenis se reúnem e são nelas que as culturas juvenis ganham materialidade. Neste texto, traremos exclusivamente os modos de ocupação juvenil na praça do Leblon.

A praça do Leblon é conhecida pela capacidade de aglomerar pessoas de todas as regiões da cidade. O Leblon fica às margens do conhecido Açude Grande. O açude é assegurado por uma parede que demarca a fronteira entre suas águas mansas e a área habitada. Foi às suas margens que Cajazeiras se desenvolveu como cidade. Ali há um calçadão com dois quiosques, academia pública, quadra de futebol, pista de skate, quadra de vôlei, mas é o pôr do sol que se destaca como atrativo principal. O espaço é utilizado para diversas atividades culturais e organizações de jovens da cidade. As quadras de esportes são frequentemente usadas em vários horários do dia por grupos diversos, masculinos, femininos e mistos, de todas as idades e de vários bairros. Para Thiago (18 anos)<sup>6</sup>, o Leblon é o lugar onde conversa

<sup>5</sup> A praça denominada “praça do Fórum/NEC” é um espaço público situado entre o Fórum da cidade e o Núcleo de Estudos Culturais (NEC) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É um espaço de realização de atividades culturais como capoeira e shows musicais. Rafaela (23 anos), descreve a “praça do Fórum/NEC” como um lugar onde “as pessoas se sentem a vontade de ser elas mesmas” e por isso, é visto como algo ruim, pois “uma lado da sociedade de Cajazeiras acha que você ir pro NEC beber, fumar um beck é errado e dizem que lá é lugar de prostituição, de gay e drogados. (...) Tem muitos jovens que querem ir pro NEC e os pais dizem “você não vai praquela antro de perdição”.

<sup>6</sup> Thiago (18 anos). Mora no bairro dos Remédios com a família (pai/mãe e duas irmãs) que considera “humilde, atenciosa, carinhosa”. O pai é servente de pedreiro e a mãe é dona de casa. Cursa o 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Manoel Mangueira. Thiago frequenta o Leblon para fazer exercício físico e, às vezes, conversar. Na praça da prefeitura, vai dá uma volta com meus colegas, aonde fica “no banco conversando soltando um papo do dia-a-dia sobre o cotidiano”.

sobre o dia-a-dia, vamos supor, o que fez, o que vai fazer amanhã, o que você fez hoje, o que você usa e o que você não usa, quer ou não quer, o sonho que você tem. Fala sobre beber cachaça, usar droga, isso e aquilo, mas até eu não gosto desse assunto, porque eu não uso, mas também não tenho preconceito (Thiago, 18 anos).

O espaço do calçadão há coqueiros que contribuem com o clima e na ornamentação do ambiente. A academia pública é utilizada por jovens para o exercício de musculação ao fim da tarde, geralmente, jovens do sexo masculino. As quadras de esportes – futebol, vôlei e skate – são atrativos significativos para parte da juventude. É comum diariamente, especialmente a partir do fim de tarde, o glomerado de jovens utilizando-as de diversas maneiras, seja praticando esporte, seja assistindo aos colegas. Independente do lugar ocupado, a dinâmica juvenil nessas quadras se faz por interações constante entre pares, geralmente em grupo. “A gente só combina de se encontrar: “E aí vamo se ver?”. Ai uma liga, pronto! Tô descendo! Aí só vai chegando uma, chega a outra. (Rafaela, 23 anos). Para Tatiane (26 anos), é o lugar de romper com a rotina do trabalho.

Por semana vamos umas 3 ou 4 vezes. Sempre que a gente sai da aula 22:00h, 23:00h a gente dá uma passadinha por lá, senta um pouquinho, conversa, brinca, pra não estar sempre naquela coisa de trabalho-casa, entendeu?! Sempre que tem evento lá, mesmo que seja algo que a gente não curta, a gente vai. O Leblon é um lugar que a gente gosta bastante: é aberto! livre! Tem gente de todo jeito e é um lugar de muitos jovens. (Tatiane, 26 anos)

A praça, tem no calçadão que margeia o açude grande o espaço privilegiado para caminhadas que se intensificam no cair da noite, mas também, para o agrupamento de jovens que subvertem a lógica do esporte e, por vezes, utilizam o calçadão como espaço de namoro, de bate-papo e de uso de substâncias ilícitas. “A gente fica muito na parte mais escura do lado de fonfon<sup>7</sup>. Do lado oposto de fonfon, porque lá é onde a gente consegue se camuflar pra fumar o back, mas a gente gosta de beber na parte da cruz porque tem um calçadão e a gente vê a movimentação.” (Rafaela, 23 anos). Assim, o Leblon reúne uma diversidade de grupos juvenis, mas a ênfase de Thiago(18 anos) é no

<sup>7</sup> Pra Rafaela (23 anos), que anda nos rolês desde os 13 anos, rolê é “sair, beber, encontrar a galera”

grupo dos viciados, aqueles que usam drogas. Tem também o grupo das pessoas que curtem rock, mas assim é raro a gente ver porque eles não gostam de ficar perto da gente... Não se misturam com as bagunças que os outros fazem, porque eles trazem caixinha de som, ligam ficam dançando. Tem daqueles que combinam pra comprar cachaça, a galera que vai beber e tem aqueles que são quietinhos. Ficam só na vela, só olhando... fica só olhando, na vela.

Por vezes os aspectos subversivos empreendidos nesses espaços, considerados negativos, parecem se destacarem nos discursos dos próprios jovens, invisibilizando as demais vivências juvenis nas praças. A fala de Rafaela (23 anos) subverte essa lógica ao afirmar que

os jovens têm se reunido em lugares públicos como o Leblon, fazendo rolê e eu acho isso massa, porque o negócio é ocupar as ruas mesmo!!! Porque a gente já é uma cidade pequena, então não tem o que ninguém se trancar dentro de casa. Só que aí vem a polícia, dá baculejo nas pessoas que eles acham que tão traficando droga. Já são pessoas marcadas por eles, sabe? Aí ultimamente a galera fica nessa, né? vai pra uma praça, aí se junta todo mundo vários fins de semana. (...) A eles ficam e uma hora eles estão numa praça, e aí a polícia arreia o rolê deles, aí eles vão para outra praça e fica sempre mudando e mudando, mas eu acho legal, pelo menos estão na rua. (Rafaela, 23 anos)

A ocupação dos espaços da praça e da rua, por esses jovens, está condicionada aos fazes e às interações juvenis em diálogo com as condutas sociais, permitidas ou reprimidas. As dinâmicas de ocupação do Leblon e de movimento nômade descritas por Rafaela (23 anos) se fazem como estratégias juvenis de driblar a ordem e a legalidade do Estado que toma como propósito, “arriar o rolê”<sup>8</sup>. Para as/os jovens, apropriar-se dos ambientes escuros, ou daqueles que as/os permitem visualizar com facilidade a aproximação de polícia, assim como transitar por praças diferentes da cidade, são formas de manter o “rolê” e “ocupar as ruas mesmo!!!”.

Nesse jogo da rua, para as/os jovens, “ser você mesmo” por vezes entra em confronto com os padrões sociais aceitáveis e exige das/os sujeitos a elaboração de táticas de sobrevivência coletiva que garantam as subjetividades e as diversas identificações juvenis.

<sup>8</sup> Dono de um dos quiosques do Leblon.

## CONSIDERAÇÕES

A ocupação dos espaços públicos pelas juventudes, seja nas grandes cidades, seja nas cidades de médio ou pequeno porte como Cajazeiras/PB, dialoga com o contrato social vigente, acionando conflitos socioculturais e produzindo uma dinâmica de relações coletivas e individuais com as quais as/os jovens estão condicionados a viverem. As/Os jovens cajazeirenses destacam três fatores presentes na sociabilidade juvenil nos espaços públicos da cidade: as escassas possibilidades de lazer, a atuação policial e a relação com o trabalho.

Os espaços públicos são de extrema importância para a participação social e cultura da juventude, como um espaço de lazer e vivência juvenil. Em Cajazeiras, o Leblon representa, em especial para as/os jovens de classe social menos favorecida, a possibilidade do exercício do esporte, da cultura e da arte (dança, música). Aqui, apropriam-se da cidade – das praças e das ruas, via dinâmicas que se caracterizam pela coletividade – grupidades juvenis – e constituem-se e mobilizam-se em torno de culturas juvenis diversas. A constituição dos grupos se dá por dinâmicas elaboradas, intencionais e/ou na dinâmica do acaso, do encontro na rua.

A atuação policial está relacionada à tentativa de reprimir o uso de substâncias ilícitas por jovens em praças da cidade. Tal repressão aciona uma ocupação juvenil em movimento - de praça em praça - como estratégia de fuga do controle do Estado, no intuito da manutenção do “rolê”. Assim, a ocupação, seja para quem subverte a ordem da proibição de uso de determinadas substâncias, seja para quem apenas frequenta esses espaços, está sujeita à vigilância e/ou punição. No Leblon, a estratégia utilizada por determinados grupos juvenis é a ocupação de espaços escuros e/ou de ambientes que proporcionam uma visibilidade privilegiada de quem se aproxima.

A relação da ocupação juvenil dos espaços públicos com o trabalho, consiste na carência do anonimato que caracteriza a vida em pequenas cidades. A aparência, a frequência em determinados lugares públicos e as relações de amizade ou pertença a alguns grupos juvenis são determinantes ao acesso ao trabalho. Isso porque, o estigma a quem frequenta alguns lugares e a adoção de alguns estilos juvenis, que subvertem o “padrão”, surge como um obstáculo ao ingresso das/os jovens no mundo do trabalho.



Assim, o trabalho juvenil, necessário à sobrevivência, influencia em escolhas, em condutas e modos de vidas juvenis, ditando padrões nos modos como as/os jovens devem ocupar os espaços da cidade e, portanto, influenciando na geografia sociocultural da sociabilidade juvenil. No entanto, isso não significa que as/os jovens estejam reféns de tais imposições.

A aparente dinâmica “espontânea” da ocupação dos espaços pelas/os jovens é mobilizada pelo jogo dos fazeres coletivos juvenis na tensão com os padrões sociais. As dualidades entre o lícito/ilícito, o permitido/proibido, o aceitável/inaceitável, aparecem como conflitos presentes nos modos de vida e nas sociabilidades juventudes de pequenas cidades.

## REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade**: lugares, situações, movimentos. Tradução de Graça Índias Cordeiro. Prefácio à edição brasileira de Graças Índias Cordeiro, Heitor Frúgoli Jr. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011 – (Antropologia Hoje).

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERREMAN, Gerald D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia de Himalaia. In:

CARMO, Renato Miguel do. Do espaço abstracto ao espaço compósito: reflectindo sobre as tensões entre mobilidades e espacialidades. In: CARMO, Renato Miguel do; SIMÕES, José Alberto (orgs). **A Produção das Mobilidades: Redes, espacialidades e trajectos**. Lisboa: ICS - Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e Cidades Educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e o movimento Hip Hop. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1998.

JOCA. Alexandre Martins. **Levados por Anjos: modos de vida, educação e sexualidades juvenis** / Alexandre Martins Joca. – Recife: Imprima, 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GUERRA, Isabel. Modos de Vida: Novos percursos e novos conceitos. **Sociologia – Problemas e Práticas**, Lisboa, nº 13, p. 59 – 74, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:  
<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/cajazeiras.html>. Acesso: 10/04/2026.

KLEIN, Ana Maria. **Projetos de vida e escola**: a percepção de estudantes do ensino médio sobre a contribuição das experiências escolares aos seus projetos de vida. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LOBO, Elizabeth Souza. Caminhos de Sociologia no Brasil: Modos de Vida e Experiência. **Tempo Social**; Rev. Social, São Paulo, USP, v. 4, n.12, p. 7 - 15, 1992.

\_\_\_\_\_. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 17, nº 49, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Vida Cotidiana**: enigmas e revelações. José Machado Pais. São Paulo: Cortez, 2003b.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade; um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.) **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).